UCRÂNIA: CREPÚSCULO DE UM IMPÉRIO

*Por Jean-Luc Baslé**

Ilustração da Estátua da Liberdade e Nova York inundadas e em ruínas (Getty Images).

Provavelmente não haverá guerra nuclear: Neocons são burros, não suicidas. Mas não aceitarão a derrota, e a paz só voltará quando eles deixarem os corredores do poder.

Impérios nascem, se expandem e morrem. O conflito ucraniano anuncia o crepúsculo do Império Americano e o advento de uma nova ordem mundial dominada pela Eurásia.

POR QUEM OS SINOS DOBRAM?[1]

"A guerra está perdida. Negociar." Essa foi essencialmente a mensagem de Emmanuel Macron e Olaf Scholz para Volodymyr Zelensky durante entrevista no Palácio do Eliseu no início de fevereiro, de acordo com o *Wall Street Journal*[2]. De sua parte, Joe Biden teria feito propostas de paz, segundo a *Newsweek*[3], informação imediatamente qualificada como "completamente falsa" pela Casa Branca. Há discordância entre aliados? Na Conferência de Segurança de Munique (17 a 19 de fevereiro), oficialmente o otimismo prevaleceu. Em privado, prevalecia

[1] *Poema de John Donne, 1624.*

[2] *"NATO's Biggest European Members Float Defense Pact with Ukraine", The Wall Street Journal, 24 de fevereiro de 2023.*

[3] *"Joe Biden offered Vladimir Putin 20 percent of Ukraine to end war", Newsweek, 2 de fevereiro de 2023.*

o pessimismo. “Ninguém acha que a Ucrânia pode recuperar o território perdido”, observa Stephen M. Walt, professor de geopolítica em Harvard, presente na conferência[4].

O objetivo não é mais a vitória, mas uma negociação o mais favorável possível para a Ucrânia. Não há desacordo sobre o resultado da guerra, apenas sobre como terminá-la. Os europeus querem iniciar as negociações o quanto antes e os neoconservadores esperam antes obter algum sucesso no terreno. Ilusão. Leopards alemães e Abrams americanos – se nunca forem entregues – não mudarão a situação[5]. Bakhmut está prestes a cair[6]. A guerra está perdida. As consequências desta derrota são desastrosas para os Estados Unidos e para a Europa. Washington, Londres, Paris e Berlim, portanto, entram em uma fase de controle de danos para minimizar os efeitos. A ordem mundial que prevaleceu desde a queda da União Soviética não existe mais.

A primeira preocupação dos dirigentes ocidentais, e não a menos importante, será controlar a “narrativa”, ou seja, a apresentação que se fará da derrota ucraniana nos meios de comunicação. Eles certamente se concentrarão sobre o valor e a coragem dos ucranianos, e rapidamente esquecerão deles para informar seus leitores sobre a ameaça que a China representa para a paz mundial – uma versão corrigida do Perigo Amarelo de outrora.

Desse ponto de vista, o caso do balão estratosférico chinês foi uma dádiva de Deus, e como tal foi explorado pelos Estados Unidos. Note-se que ainda não sabemos se era um balão meteorológico, como afirmam os chineses, ou um balão espião, como atestam os americanos. Antes deste incidente, muitos marcos foram estabelecidos para desacreditar a China. O mais recente e emblemático foi a viagem de Nancy Pelosi, presidente da Câmara dos Deputados dos EUA, a Taiwan, em agosto de 2022, durante a qual Taipé foi apresentada como o Davi da liberdade contra o Golias do totalitarismo. A máquina de mídia segue sua rota. Talvez engane o Ocidente, mas não o Oriente.

A segunda e mais crucial preocupação dos ocidentais é o abalo sísmico dessa derrota. Os Estados Unidos terão muito a fazer para contê-lo, dados seus erros passados. Há erros que uma nação não pode cometer. Cegos por seu poder, os EUA os multiplicaram desde 1991. Não se pode destruir uma nação sob falso pretexto (Iraque), invadir outra, conhecida como cemitério de impérios, sem pagar um alto preço (Afeganistão), impor suas leis *urbi et orbi* extraterritorialmente, empurrar seus dois maiores concorrentes – Rússia e China – nos braços um do outro, humilhando um e aborrecendo o outro, sem consequências. Não devemos encorajar uma nação que fez do não-alinhamento a virtude cardeal de sua política externa a se jogar nos braços do casal russo-chinês: ao se recusar duas vezes a condenar a Rússia na ONU, a Índia se engajou ao lado da Rússia. Com o tempo, os Estados Unidos alienaram o que hoje se chama de “Sul Global”, ou seja, Ásia,

[4] *Stephen M. Walt, “The Conversation About Ukraine Is Cracking Apart”, Foreign Policy, 28 de fevereiro de 2023.*

[5] *“Scrounging for Tanks for Ukraine, Europe’s Armies Come Up Short”, New York Times, 28 de fevereiro de 2023.*

[6] *“Ukraine : Bakhmut plie l’échine sous l’assaut russe”, Ouest France, 4 de março de 2023.*

Oriente Médio, África e parte da América Latina. Não é a Rússia que está isolada, como afirmou Joe Biden, mas os EUA e a Europa. E esse isolamento permanecerá.

Outra asneira incompreensível somada às anteriores: a militarização do dólar. O dólar, um dos pilares mais fortes do poder americano, perderá sua coroa. Sua utilidade reside no seu potencial geopolítico e não na sua utilização como arma financeira. Congelar ilegalmente reservas monetárias de uma nação militarmente poderosa como a Rússia é talvez um dos maiores erros que os Estados Unidos cometeram neste conflito. Esse uso acabará com o dólar como moeda de reserva por excelência.

As nações do "Sul Global" estão se afastando dele. Eventualmente, outra moeda irá competir com ela. Chineses e russos trabalham nisso. São encorajados a isso pela situação cada vez mais precária do dólar. A dívida pública americana é de US$ 30 trilhões, ou 120% de seu produto interno bruto. O dólar é uma moeda fiduciária baseada em um *pool* de dívidas. A China, que com o Japão foi por muito tempo o primeiro banqueiro dos EUA, está reduzindo gradualmente a quantidade de títulos que possui do Tesouro americano. Ao mesmo tempo, a economia russa, que a guerra na Ucrânia e as sanções iriam destruir, recuperou uma saúde que ninguém imaginava até poucos meses atrás, se acreditarmos nas previsões do Fundo Monetário Internacional[7].

A terceira preocupação que pouco incomoda os americanos, mas preocupa fortemente os líderes europeus é o futuro da Europa. É neste contexto que esta guerra russo-americana através da Ucrânia assume todo o seu significado. Sua origem remonta a um passado distante, à teoria da ilha mundial do geógrafo britânico Halford Mackinder, publicada em 1904, e ainda mais além com a Guerra da Criméia. O Império Americano é o digno sucessor do Império Britânico. Ambos são impérios marítimos. Seu poder repousa sobre o controle dos mares, do comércio e do capital. Uma Alemanha com laços econômicos estreitos com a Rússia é a materialização da ilha-mundo que Mackinder tanto temia. Essa verdade transparece na sabotagem do gasoduto Nord Stream, patrocinada por Washington, de acordo com o jornalista investigativo Seymour Hersh[8].

Em 2020, o abastecimento de gás da Alemanha dependia da Rússia em mais de 60%[9]. Isso poderia torná-la obrigatória para a Rússia. Os Estados Unidos não podiam permitir que sua posição na Europa fosse objeto de chantagem econômica, e o Nord Stream foi, portanto, destruído. Esta destruição terá um grande impacto na economia alemã e, consequentemente, na economia europeia. A Alemanha agora recebe gás de xisto americano –muito mais caro que o gás russo, sem mencionar seu impacto ecológico. Quando seu preço for integralmente repassado aos custos de produção, a economia alemã entrará em recessão, arrastando consigo a economia europeia. O amigo americano não hesitou em sacrificar a

[7] *Perspectives de l'économie mondiale, janeiro de 2023.*

[8] *"Como os EUA derrubaram o gasoduto Nord Stream", Seymour Hersh, 9 de fevereiro de 2023.*

[9] *Eurostat.*

economia de seu mais confiável aliado europeu em nome de sua segurança – esta parece uma política míope.

Esta observação nos leva naturalmente à quarta preocupação dos ocidentais nesta matéria: a OTAN e a unidade europeia. À medida que as consequências do conflito ucraniano forem sentidas na população europeia, a unidade ocidental dará lugar à desunião. Se somarmos a esta inflação mal controlada, cujas causas profundas são a irresponsável política monetária americana, o descontentamento se transformará em revolta, não só na Europa como também nos Estados Unidos, onde se inicia a campanha para as eleições presidenciais de 2024. "O apoio público à Ucrânia está diminuindo e os dois principais candidatos republicanos são cada vez mais críticos do envolvimento dos EUA nesta guerra", observa o *New York Times*[10].

Tanto na Europa quanto nos EUA, surgirão perguntas após o fracasso desta guerra. Na França, generais expressaram seu desacordo; generais alemães fizeram o mesmo, assim como um general italiano que está pedindo a dissolução da OTAN. A futura debilidade da economia europeia, combinada com o desencanto com o dólar, levará ao desaparecimento do euro.

Diante desse cenário que se desenvolve diante de nossos olhos, alguns se preocupam com a reação dos neoconservadores, responsáveis por esta guerra, esses belicistas a quem Bush pai chamou de "os malucos do porão" da Casa Branca, onde residiam. Desde então, eles subiram os degraus da residência do presidente dos EUA e agora estão firmemente estabelecidos no andar térreo, bem como no Ministério das Relações Exteriores. Diante da derrota, eles podem ser tentados por uma escalada do conflito que pode levar a uma Terceira Guerra Mundial, uma guerra nuclear. Essa preocupação é injustificada. Exceto no caso de erro humano ou falha técnica, essa guerra não acontecerá. Neocons são burros, mas não são suicidas. Aceitarão sua derrota? Não. Eles vão retomar a luta pela hegemonia mundial no Oriente Médio... com o mesmo resultado do passado[11]. A paz só voltará quando eles deixarem os corredores do poder.

Por que essas guerras quando o Império está desmoronando sob o peso de suas contradições, torpezas e mentiras? A infraestrutura americana requer manutenção urgente. Mais de 1.000 trens descarrilam a cada ano – o último tem causado escândalo pela solução adotada para impedi-lo. Os executivos da Norfolk Southern, proprietária do trem, e as autoridades do estado de Ohio decidiram incendiar os gases tóxicos transportados sem levar em conta as repercussões sobre a população local[12]. Após as realocações, cidades do Centro-Oeste estão se esvaziando, como Detroit, que perdeu 40% de seus habitantes nas últimas duas décadas. Mais de 100.000 americanos morrem a cada ano de *overdose* de drogas – o dobro do número de mortos no Vietnã. Um terço da população é quase analfabeta e 43% é obesa. A população carcerária é a maior do mundo em termos absolutos e relativos. Em resposta à questão colocada no início deste parágrafo, o

[10] *"Biden Challenged by Softening Public Support for Arming Ukraine", New York Times, 1º de março de 2023.*

[11] *"By caving to Israel, Biden opens the door to war with Iran", Responsible Statecraft, 22 de fevereiro de 2023.*

[12] *"Norfolk Southern Policy lets officials order crews to ignore safety alert", 27 de fevereiro de 2023.*

renomado historiador Alfred McCoy responde: “Enquanto em sua fase ascendente os impérios usam suas forças armadas com sabedoria e racionalidade na conquista e controle de novos territórios, em seu declínio as dispersam em ações mal concebidas e mal preparadas na esperança de recuperar sua glória passada.”[13]

E A UCRÂNIA EM TUDO ISSO?

Seu destino será decidido por Moscou, não por Washington, que abortou as negociações de paz de março de 2022[14]. Para saber quais condições Vladimir Putin quer impor aos ucranianos, vamos nos referir ao seu discurso de 24 de fevereiro de 2022, no qual expõe os objetivos da Operação Militar Especial iniciada naquele dia. A Ucrânia representa, disse ele, “uma ameaça, não apenas para nossos interesses, mas também para a própria existência de nosso estado e nossa soberania”. Isso significa que a oligarquia que governa o país após a tomada ilegal do poder em fevereiro de 2014 deve renunciar. A Ucrânia será neutra e fará parte da esfera de influência da Rússia, não mais o que foi desde 2014, um membro *de facto* da OTAN. Quanto ao Donbass e à Crimeia, seu destino está selado. Eles são membros plenos da Federação Russa.

No entanto, este plano, se aceito, não resolverá o problema europeu. A Europa sofre com sua diversidade e suas dissensões e, portanto, com sua incapacidade de se defender. Ela é potencialmente uma presa. Em um projeto de tratado submetido às autoridades dos EUA em 11 de dezembro de 2021, Vladimir Putin apresentou um projeto de arquitetura de segurança para a Europa. Washington não deu seguimento. No passado, Emmanuel Macron declarou-se a favor de uma arquitetura de segurança europeia[15]. Se seu plano difere daquele do líder russo, ele demonstra, no entanto, uma comunalidade de opinião sobre este assunto. É nessa direção que devemos caminhar para garantir a paz na Europa.

Em 1964, J. William Fulbright, presidente do Comitê de Relações Exteriores do Senado, publicou um livro chamado *The Arrogance of Power*. Hoje, os Estados Unidos estão pagando o preço dessa arrogância. E ele é elevado: é o fim do império americano, império esse tão brilhantemente descrito por Claude Julien em seu livro epônimo publicado em 1968.

John Donne conclui seu poema, cujo título se repete neste artigo, com as palavras: “não perguntes por quem os sinos dobram; eles dobram por ti”.

Publicado no Cf2R.

***Jean-Luc Baslé** é ex-diretor do Citigroup New York e autor de “L’Euro survivra-t-il?” (2016) e de “The International Monetary System: Challenges and Perspectives” (1982).*

[13] *Alfred W. McCoy, In the Shadows of the American Century: The Rise and Decline of US Global Power.*

[14] *Éric Denécé, “Quando a névoa da guerra começa a se dissipar”, fevereiro de 2023.*

[15] *“Emmanuel Macron veut une nouvelle architecture européenne de sécurité”, B2Pro, 28 de agosto de 2018.*